conversa sobre DOCSIA NEGRA e/ou afro brasileira

A entrevista a seguir foi realizada individualmente por e-mail com cada um de nossos convidados, e as respostas obtidas, reunidas posteriormente no conjunto abaixo, com vistas a ressaltar o caráter polifônico, de mosaico teórico, que o debate sobre a literatura negra e/ou afro-brasileira implica. A oscilação terminológica sugerida na expressão "literatura negra e/ou afro-brasileira" já aponta para um campo em construção permanente e à coexistência nem sempre convergente dos múltiplos pontos de vista em jogo. De maneira a recuperar as noções de transformação, transposição e transfiguração, sinalizadas no comentário a entrevista no editorial, buscamos nos basear na estrutura dialógica elaborada por Friedrich Schlegel em seu famoso ensaio *Conversa sobre poesia* (1800), que encena uma teorização dramatizada a respeito da poesia moderna, ao atualizar e ressignificar o modelo da conversa socrática em outro contexto, que, no entanto, valoriza a mescla entre teoria e coloquialidade, que o olhar do filósofo moderno reconhece no antigo.

No ensaio de Schlegel, figuram as vozes e perspectivas de um grupo de amigos constituído por mulheres e homens, que aproximam e embaralham arte/ciência e vida em suas explanações. Assim como Achille Mbembe estabelece no título de sua obra *Crítica da razão negra* um diálogo com a *Crítica da razão pura*, de Immanuel Kant, nos valemos intertextualmente do exemplo schlegeliano para transpô-lo e reconfigurá-lo, mais uma vez, segundo outros sujeitos, espaço e tempo histórico, articulando-o às questões urgentes de nossa contemporaneidade — fundindo-o ainda ao gênero entrevista. A poesia negra e/ou afro-brasileira é, conforme enfatizamos no editorial deste dossiê, espaço privilegiado de desestabilização de significados correntes por sua capacidade de tensionar os limites entre escrita e oralidade, poesia e música, modernidade e ancestralidade, ética e estética, no contexto das possíveis estratégias, negociações e recriações de novos paradigmas, tanto na criação como nos estudos literários. A exemplo da literatura indígena no Brasil, ela leva o artista e o leitor a refletirem sobre a configuração e fundamentação das noções correntes de cânone, arte, gosto, beleza, saber, civilização, escrita, cultura. Lembramos, por fim, que o termo "poesia", conforme adotado aqui, engloba também a prosa, designando as poéticas e criações literárias de modo geral.

dialogam conosco:

ESMERALDA RIBEIRO

nasceu em São Paulo, é jornalista e faz parte da geração Quilombhoje que atua nos movimentos de combate ao racismo e na construção de uma literatura negra, a partir do resgate de memórias e de tradições afro-brasileiras. Publicou *Mulangos e Malungos*, no Centenário da Abolição. A escritora está presente em diversas antologias de prosa e poesia negra no Brasil e no exterior. Coordena, com Márcio Barbosa, o projeto editorial *Cadernos Negros*, que completa neste ano sua 40ª edição.

EDUARDO DE ASSIS DUARTE

é professor do Programa de Pós-graduação em Letras — Estudos Literários, da FALE-UFMG. Autor de *Jorge Amado*: romance em tempo de utopia (1996), *Literatura, política, identidades* (2005), e organizador, entre outros, de *Machado de Assis afrodescendente* (2007), *Literatura e Afrodescendência no Brasil*: antologia crítica (4 vol., 2011), *Literatura afro-brasileira*: 100 autores do século XVIII ao XXI (2014) e *Literatura afro-brasileira*: abordagens na sala de aula (2014). Coordena o Literafro — Portal da Literatura Afro-brasileira — com informações biobibliográficas, críticas e excertos de 125 autores —, disponível no endereço: www.letras.ufmq.br/literafro

CUTI

é pseudônimo de Luiz Silva. É escritor e mestre em Teoria da Literatura e doutor em Literatura Brasileira pela Unicamp. Foi um dos criadores dos *Cadernos Negros* e um dos fundadores e membro do grupo Quilombhoje. É autor de diversos livros de contos, poesia, dramaturgia e ensaios, como *Contos escolhidos, Negrhúmus líricos, Tenho medo de monólogo & Uma farsa de dois gumes, Literatura negro-brasileira, Lima Barreto, A consciência do impacto nas obras de Cruz e Sousa e na de Lima Barreto, dentre outros.*

ELENA PAJARO PERES

é doutora em História pela USP e pós-doutora em Literatura pelo IEB-USP. Entre 2012 e 2016, desenvolveu a pesquisa "Escrita Proibida. Expressão Romântica e Diáspora Africana nos Manuscritos de Carolina Maria de Jesus", com bolsa FA-PESP de pós-doutorado. Foi *Visiting Scholar* no *African American Studies* Program da Boston University. Dentre outras publicações, é autora do capítulo "Carolina Maria de Jesus. Insubordinação e Ética numa literatura feminina de diáspora" no livro *Memória Feminina*. *Mulheres na História*. *História de Mulheres*" da Fundação Joaquim Nabuco (2016). Ministrou na USP o curso de difusão "Diásporas Africanas nas Américas e Expressão Artística em Perspectiva Atlântica".

••• | •••

Ao pensarmos a presença negra no conjunto da literatura brasileira, quais possíveis continuidades e/ou diferenças podemos elencar entre a produção de escritores afrodescendentes como Domingos Caldas Barbosa, Machado de Assis, Cruz e Sousa e Mário de Andrade, por exemplo, e escritores contemporâneos como Solano Trindade, Conceição Evaristo e Oswaldo de Camargo?

ESMERALDA Temos na atualidade muitos nomes para constar nessa lista de autores e autoras contemporâneos além dos dois citados acima. Estamos nos empenhando, na medida do possível, em trazer para cena da contemporaneidade da literatura afro-brasileira novos talentos, que publicam seus contos ou poemas nos *Cadernos Negros* ou em publicações individuais. Sempre a referência a uma escrita de autoras e autores afro do século 20 auxilia escritores e escritoras do presente. A liberdade na escrita afro-brasileira passa pela experiência de pessoas que ousaram e experimentaram várias formas de fazerem a sua produção literária, e em diversos gêneros.

EDUARDO De fato, o projeto da Literatura Negra Ocidental é do século XX e ganha força com a "Renascença do Harlem" estadunidense, na década de 1920. Já o século XIX é dominado pela doxa proveniente da "razão negra" eurocêntrica que desqualifica africanos e afrodescendentes como seres infra-humanos dominados pelos instintos, conforme nos relembra o filósofo Achille Mbembe. Nessa linha, vejo os autores negros do século XIX como precursores. Sua relação com a afrodescendência e a expressão dessa relação em seus escritos não seguem parâmetros de escola ou projeto coletivo explícito. Há convergências entre Machado de Assis e Luiz Gama, por exemplo, sobretudo no tocante à crítica às elites escravocratas, mas cada um segue seu projeto individual, Gama centrado na sátira, Machado na ironia, apenas para ficarmos numa aproximação superficial. Machado sempre defendeu que o escritor deve ser antes de tudo sujeito "do seu tempo e do seu país", mas o que escreve deve se dirigir "a todos os tempos"... Daí sua recusa ao panfleto e à "retórica tribunícia". Já Cruz e Sousa, apesar de *Missal* e *Broquéis*, tem textos mais fortes, como "Emparedado", e poemas incisivos, como "Escravocratas", ao lado de colocações mais condizentes com o contexto opressivo do século XIX. De todos, o que mais se aproxima da literatura negra do século XX é Lima Barreto, basta comparar *Clara dos Anjos* com *O cortiço*, por exemplo, do abolicionista Aluísio Azevedo... E há ainda a atualíssima crônica "Macaguitos", que poderia ser assinada no século XXI por qualquer autor do Quilombhoje.

CUTI Na obra de Solano Trindade, encontram-se nuanças do amor cortês que a remete às cantigas de Caldas Barbosa. Traços da obra deste último, bem como da de Mário de Andrade que fazem apelo à oralidade afeita à cultura popular também se encontram nos poemas de Solano. O humor e o folclore também aproximam os textos de Solano e Mário. Quanto à identidade negra textual, ainda que mais pela via dos valores culturais do que pelo embate subjetivo, o poeta de Embu se aproxima de Cruz e Sousa.

Quanto à produção de Conceição Evaristo, se fazem presentes a tragicidade e certo pessimismo atinentes à escrita machadiana e à souseana. Com relação à identidade racial, é à obra do poeta simbolista que os textos de Conceição oferecem alguns elos, é pela via do tratamento do sofrimento racial. Dos textos de Mário, a cor local é um tópico que se pode encontrar nos poemas e contos de Conceição.

Na obra de Oswaldo de Camargo, nota-se a continuidade do texto souseano, tanto no tocante à identidade negra como drama existencial, quanto à mística da angústia e a busca pelo apuro do verso. Este tópico também nos remete à poesia machadiana. Na prosa de Oswaldo, traços da ironia machadiana podem ser detectados, bem como um elo à produção de Mário de Andrade: a color local – a Pauliceia.

Quanto às diferenças, estas são muitas tendo em vista os traços relativos à época dos citados autores iniciais. A mais notória delas é a identidade textual negra que apresenta traços nítidos na produção de Solano, Conceição e Oswaldo, ligando-os a Cruz e Sousa, excluindo os demais. Ausente na pergunta, nesse quesito, a obra de Luiz Gama, o primeiro eu lírico negro, uma referência fundamental da produção dos três autores. Quanto à referência da prevalência de classe social, os trabalhos de Solano se aproximam dos de Conceição. E esta, no conjunto, isola-se pela identidade textual feminina.

ELENA São muitas as continuidades e também não são poucas as diferenças entre esses autores e a forma como eles conseguem captar as mensagens emitidas pela comunidade negra e transformá-las em inscrições artísticas. Em todos eles é possível perceber um forte componente autobiográfico, revelador do contexto em que se formaram, além de uma espécie de chamamento intenso da palavra, uma necessidade veemente de comunicar, de reconfigurar o mundo por meio da expressão criativa. Em cada um deles, entretanto, percebe-se um estilo único, uma forma singular de relacionar-se com o meio e a linguagem, que é o que os revela como artistas e artistas inseridos em seu tempo histórico. Na produção desses autores é possível perceber o sentimento profundo que ampara um trabalho disciplinado e que incorpora a ideia da literatura como um projeto de vida. A diferença maior, a meu ver, é que, se esse projeto era individual nos primeiros escritores citados, ele passa a ser cada vez mais coletivo, especialmente nos autores como Oswaldo de Camargo e Conceição Evaristo. Não se trata mais de uma escrita que se destaca, mas de uma escrita que se incorpora e busca o seu entorno de maneira afetiva e conjugada, procurando dar voz àqueles que não tiveram oportunidade de se manifestar, ou que não tiveram oportunidade de se manifestar artisticamente. Além disso, procurando também dar voz a todos os seus antepassados, à sua ancestralidade. Como pontua Oswaldo de Camargo no pensamento de seu personagem, o poeta Laudino, na novela "A Descoberta do Frio": "o seu último poema se referia, longinquamente, a ser ele também prosseguimento de um outro..." Essa 💲 consciência e convicção de não estar sozinho nessa lida literária é o que se amplia nos escritores contemporâneos.

••• || •••

Atualmente, observa-se que a produção e circulação da literatura negra e/ou afro-brasileira têm conhecido uma difusão mais ampla, porém ainda sem o apoio do alto mercado editorial, sendo veiculada sobretudo em saraus e publicações de editoras de pequeno porte. Essa conjuntura produz impactos sobre a elaboração literária dessas vozes, constituídas fora das prateleiras das grandes livrarias?

opiniães

necessária a obrigatoriedade da inclusão de autoras e autores negros. Ainda o país está numa roda gigante: racista e capitalista, que produz racismo em tudo que coloca as mãos e isso vai se refletir nas prateleiras das livrarias. Nos invisibilizar é uma arma eficaz e mortal e como isso se dá é só falar pra pessoa que procura um livro com a temática negra e escrita por um negro, dizer para o leitor que tal publicação não existe mais e nem se dar ao luxo de procurar ou de se manifestar interesse pelo tema. Mas, vamos furando bloqueios do nosso jeito. Não dá pra ficar sentado esperando o apoio do mercado editorial.

EDUARDO Enquanto produção de resistência cultural e política, a literatura afro-brasileira ainda sofre um verdadeiro boicote por parte do mercado editorial, salvo as exceções de sempre – Nei Lopes, por exemplo – que, na prática, só fazem comprovar a regra geral. A solução que se repete ao longo das últimas décadas tem sido a autoedição e o trabalho quase heroico de pequenas editoras. Mas vejo tais iniciativas mais como necessária atitude de resistência do que como solução para o problema. Penso que já passou da hora das grandes editoras perceberem que há produção de qualidade para além do "arriá da branquitude" instalado na literatura brasileira. Agora, cabe aos escritores refletirem sobre os impactos dessa precariedade sobre o seu processo de elaboração literária.

CUTI O impacto maior é o desânimo que atingiu e atinge muitos iniciantes nas letras, fazendo-os desistir. A quase total impossibilidade de profissionalização do escritor brasileiro em geral afeta o (a) escritor(a) negro(a) com mais severidade por conta do bloqueio editorial que se antepõe à vertente literária negro-brasileira. O processo de naturalização do racismo tornou as pessoas muito avessas à discussão do assunto, que, ao longo da desmistificação da democracia racial, foi se tornando cada vez mais desconfortável. Teme-se a reação do outro. Este silenciamento vai se refletir, também, na receptividade de editores a textos que, no campo da literatura, abordem a questão, em especial se veicular o ponto de vista negro. Relegada à sociologia, as relações raciais no Brasil, quando tratadas na literatura, conheceram a recepção adversa, quando não a censura pura e simples, seja de texto produzido por autores brancos, seja por autores negros. Assim, as iniciativas editoriais de menor alcance no mercado surgem como possibilidade, além da internet e da oralização dos saraus. Ou, então, como tentativa de romper o cerco, resta adequar-se à baixa expectativa de êxito erigida pelo branco em relação ao negro: delinquência e miséria. Por aí vários livros foram escritos e publicados, tendo como referência a obra de Carolina Maria de Jesus e a de Paulo Lins. Alguns poucos autores após aqueles lograram obter êxitos secundários.

ELENA Essa conjuntura traz um grande impacto sobre essa literatura que, por não ter o mesmo espaço e visibilidade que outras literaturas, acaba por se recriar em forma e conteúdo, estabelecendo para si um campo próprio e engendrando elementos de identidade e de luta. É possível, portanto, encontrar aspectos positivos nessa adversidade, mas não é possível se conformar com ela. Há uma demanda por essa produção, mas nem sempre o mercado editorial reconhece isso ou quer reconhecer isso. Uma forma de trazer esses livros para as prateleiras e também para o mundo dos livros digitais seria ampliar o seu uso em sala de aula, nos clubes de leitura, nos cursos de formação de professores.



••• ||| •••

No conjunto das literaturas que buscam atualmente a afirmação de uma especificidade e visibilidade, tais como a feminina, a homoerótica e a periférica, em que medida podemos situar e articular a Literatura Negra e/ ou afro-brasileira àquelas aqui citadas?

ESMERALDA Literatura negra não está separada da vivência das pessoas. Literatura negra não é uma constelação solitária. Quando você é negro ou negra e produz um conto, poema, romance, crônica, peça de teatro, todas as especificidades acima farão parte da vivência de quem está produzindo, sejam elas feminina, homoerótica e a periférica.

EDUARDO Tais manifestações desaguam num estuário discursivo onde se encaixam também as chamadas produções pós-coloniais levadas a cabo nos países jovens da África, que ainda não têm 50 anos de independência. A literatura afro-brasileira se irmana a todas essas manifestações em termos de contranarrativa e de reflexão crítica da sociedade em que vivemos. Outro ponto em comum diz respeito à afirmação identitária dessas parcelas subalternizadas da população. Nesse sentido, o projeto da literatura negra ocidental antecede em grande medida a produção feminina/feminista contemporânea, bem como a literatura homoerótica.

CUTI Tais classificações não são estanques, nem podem ser. Literatura não permite isso. Daí que vamos encontrar textos que comportam várias delas. É preciso considerar que toda e qualquer classificação, além de refletir fatores ideológicos, implica na constatação de alguns traços textuais recorrentes. Há um elo que as une: a relevância que se dá para a crítica aos padrões convencionais, às ideias cristalizadas, ao conservadorismo e à intolerância que fazem parte da sociedade brasileira. São identidades assumidas que produzem traços literários diferenciados. A identidade negra tem referência histórica, social, cultural e ancestral. Trata-se de uma identidade abissal, não tão fácil de se descartar. Ela se inscreve no corpo. Tornado o outro do branco, ao negro cabe assumir a si mesmo, fazendo do branco o seu outro para daí se imaginar a possibilidade de uma iqualdade que só se dará com a renúncia da identidade de ambos ou uma afirmação que não se oponha. Na literatura negro-brasileira, o branco é visto pelo negro e, em certos textos, nem é considerado enquanto referência textual, é ausente. Este é um ponto de crispação com as outras classificações citadas. Se uma mulher negra, lésbica ou trans, e moradora da periferia fizer literatura, assumindo todas as suas identidades, teremos uma síntese dos pontos de confronto. Conceitos, termos, gírias, linguajar e referências garantem as especificidades textuais dos variados fazeres literários. Há, contudo, de cunho ideológico, uma tentativa constante de se promover hegemonias. Estudos literários tentam viabilizar e legitimar mais esta ou aquela vertente, evidentemente desclassificando as demais. Sobranceira, a literatura que tem como fundamento a identidade do homem branco heterossexual e de classe média alta continua incólume. Como se veem os oprimidos entre si é a base na qual a renovação literária brasileira se dará com maior contundência e riqueza.

ELENA A literatura Negra e Afro-Brasileira está irmanada com essa luta de afirmação de especificidade e visibilidade que também acompanha a literatura feminina, a homoerótica e a periférica. Em muitos momentos, inclusive, essas literaturas se entrelaçam: é possível pensar numa literatura negra feminina e periférica ou numa literatura negra homoerótica e periférica, por exemplo, mas a Literatura Negra e Afro-Brasileira tem que lidar com um fator de detratação a mais, além da segregação e do preconceito, e esse fator, que busca ocultá-la ou inferiorizá-la, é o racismo. Carolina Maria de Jesus, a escritora sobre a qual concluí recente trabalho de pesquisa de pós-doutoramento, teve que lidar com o preconceito e a segregação, por ser

mulher, mãe e pobre, mas a indignação revela-se mais contundente em seus manuscritos quando denuncia o racismo. A luta
contra o racismo é que faz a Literatura Negra e Afro-Brasileira assumir um papel singular entre outras literaturas.

... |V ...

Neste ano, os *Cadernos Negros* chegam a sua 40ª edição. O periódico literário de mais longeva continuidade no país, realizado pelo grupo Quilombhoje, abre espaço anualmente para novas vozes autorais negras e contribui para a ampliação, sobretudo, do público leitor negro. Visto que sua inserção nos currículos e programas de escolas e universidades ainda é restrita, qual a importância do alargamento do público leitor dos *Cadernos Negros* e de outras publicações similares?

ESMERALDA O que ainda nos impede de entrar nos currículos seja das escolas públicas e particulares e nas universidades é a dinâmica de inserção. A negociação não é fácil e demanda tempo. Precisaríamos de pessoas, ou seja, professores doutores, diretores de escolas, de reitores, que nos apoiassem nessa empreitada. Estar inserido em um currículo escolar ou universitário quer dizer que o Grupo Quilombhoje, os autores e as autoras, ganharam dinheiro e isso é uma disputa que não é tão fácil como se imagina. Não é impossível, porque a resposta "não" já estamos acostumados a receber, porém batalhamos sempre pelo sim, que é árduo, demanda tempo e paciência.

EDUARDO Os Cadernos Negros são exemplo contundente da postura de resistência a que me refiro, pois o Quilombhoje é, desde muito tempo, o mais longevo coletivo de escritores brasileiros. Deveriam estar em todas as bibliotecas desse país, sobretudo as das escolas. Ao longo dessas quatro décadas, formaram inúmeros leitores – seja pelo próprio título, que convoca/provoca a recepção do leitor afrodescendente, seja pelo gesto de "ir onde o povo está", típico dos saraus e eventos similares. Já o leitor branco só tem a ganhar e, seguindo a milenar máxima aristotélica, aprender junto com o prazer da leitura. A inclusão da literatura afro-brasileira nos cursos de Letras revelará aos futuros professores, tradutores ou editores a força poética dessa "escrevivência", para ficarmos no conceito cunhado por Conceição Evaristo, e que não deve, de modo algum, ser confundida com o mero relato.

CUTI Nenhum autor dos *Cadernos Negros* escreve com o desejo de só ser lido por negros. Leitores habituais de literatura que não leem a série não querem se ver diante de algo que lhes possa tirar o conforto psicológico da ilusão de que vivemos em um paraíso das relações raciais. Alargar o público é uma tarefa árdua, levando-se em conta o índice baixo de leitura no Brasil. Leitura ainda é um indicador de situação econômica. O segmento negro da população, sendo o mais afetado pela exploração no trabalho e pela violência sistemática do poder público no tocante às políticas de educação, saúde, esporte e lazer, apresenta um número de leitores bem menor que a média nacional. Para se transformar essa realidade, a formação de professores é fundamental. Se as novas gerações passarem por um processo de familiaridade para com as questões atinentes às relações raciais, é provável que a literatura negrobrasileira venha a receber a atenção mercadológica que necessita para se expandir. Enquanto produto, a série *Cadernos Negros* traz uma marca de identidade. Essa marca é o seu trunfo para ela não ser confundida com qualquer

outra coisa. Quanto mais o debate racial for demonstrando que "coisa de negro" é para todos, como "coisa de branco" também é, maior será a possibilidade de haver melhor consumo dos livros da referida série.

ELENA Os Cadernos Negros tiveram sua primeira publicação em 1978 e, segundo Hugo Ferreira, um de seus idealizadores, o nome desse periódico literário foi inspirado pelos cadernos manuscritos de Carolina Maria de Jesus, a escritora afro-mineira que viveu por muitos anos na favela do Canindé. Essa inspiração, por si só, atesta o compromisso dos Cadernos Negros com uma linhagem afro-brasileira de literatura que carrega em seu âmago a junção entre arte, ancestralidade, testemunho e denúncia. O alargamento do público leitor desse periódico literário, bem como da literatura negra em geral, nas escolas e universidades só tem a contribuir com a formação de um pensamento crítico-criativo direcionado à revalorização da cultura afro-brasileira e da busca pela igualdade de oportunidades e direitos. Os Cadernos revelam, num sentido amplo, a combinação da atividade artística com o empenho político, num esforço coletivo de artistas e intelectuais negros para a compreensão de sua própria história.

... V ...

Em 2017, tanto a homenagem da FLIP (Festa Literária Internacional de Paraty) quanto a inserção do romance *Clara dos Anjos* na lista de leituras obrigatórias dos vestibulares de UFU e da UFPR sinalizam um interesse renovado na obra do escritor Lima Barreto. Qual a importância de estudar um autor como Lima Barreto a partir da temática racial? Esse aspecto repercute sobre um redimensionamento de interpretação de sua obra?

ESMERALDA Homenagem mais que justa e demorada, porque foi Lima Barreto, de fato, o precursor do modernismo. A produção de Lima Barreto será sempre atual. Um escritor que em vida foi injustiçado e lido de forma incorreta. Um escritor que tem a sensibilidade de descrever o racismo perverso que sofreu a mulher negra, sim, merece todo o tipo de homenagem. Que esse escritor seja sempre lembrado.

EDUARDO Lima Barreto sempre foi esnobado por muitos colegas da Teoria da Literatura e da Literatura Brasileira, sempre ciosos em repetir os estereótipos que o reduzem a "cronista de subúrbio", dotado de uma escrita claudicante, etc. A prova do que digo está na ausência de Barreto em muitos dos programas da graduação e da pós, e no baixo número de teses e dissertações que abordam seus textos. Acredito que esta ausência se deva justamente ao teor crítico de sua escrita. Barreto é, sem dúvida, "homem de seu tempo e de seu país". E, como negro, não estava alheio ao ambiente de preconceito e discriminação que o rodeava e, aos seus semelhantes. Nem ao racismo entranhado no senso comum desde os tempos coloniais. O autor traz tudo isto para dentro de sua ficção e nunca abandona a perspectiva e o lugar de fala que informam seus enredos. O ganho maior de estudá-lo sob uma ótica que enfatize a problemática racial está, a meu ver, na possibilidade de revelar o quanto há de contemporâneo nos dramas que relata. Estudá-lo sob essa mirada é um gesto pedagógico no sentido mais elevado do termo, sobretudo, nesse momento de temeridade quanto ao que estamos vendo em termos de retrocesso reacionário, e quanto a um futuro que se anuncia marcado pela discriminação homofóbica, racial e de gênero.

opiniães

CUTI É muito importante não considerar de pouca relevância a temática das relações raciais, como é praxe ideológica se fazer. Os processos de humilhação de classe, o *modus operandi* no tratamento dos contratos de trabalho, as mais diversas formas de subalternidade, o exercício da crueldade que coloca o Brasil entre os campeões mundiais em violência tem a ver com a evolução do relacionamento entre negros e brancos desde a época colonial. Lima Barreto, em vários de seus textos, demonstra isso a partir do ponto de vista negro-mestiço. Por outro lado, é um dos autores que nos apresenta uma variedade de situações reveladoras do caráter nacional, sobretudo no tocante à nossa identidade plural. Lima tocou em problemas sociais que estão longe de serem solucionados. Não é, pois, um autor cuja obra se refere tão somente ao passado, mas também ao presente e ao futuro. Há e haverá muitas Claras dos Anjos, Isaías Caminha e Policarpos pelo Brasil afora. Espero que a obra de Lima Barreto seja redimensionada, incluindo a sua visão racial sobre a sociedade brasileira e suplantando os dados de sua biografia, pois a ênfase dada a estes, por razões de preconceitos, acaba servindo para desqualificar os livros do autor.

ELENA A temática racial é totalmente pertinente para o estudo da obra de Lima Barreto, bem como a compreensão de sua vida e produção literária numa perspectiva afrodiaspórica. Lima Barreto traz em sua escrita, além da denúncia contundente do racismo, uma série de elementos que podem ser reveladores de uma estética afro-brasileira, entre eles a presença de um sentimento profundo que invade todo o texto e de momentos pontuais de ruptura e passagem. A inclusão de seu livro, *Clara dos Anjos*, na lista das leituras obrigatórias para o vestibular de duas importantes universidades federais, é um reconhecimento legítimo de sua importância crucial na Literatura em Língua Portuguesa e uma valorização da escrita afrodescendente. O livro *Quarto de Despejo. Diário de uma Favelada*, de Carolina Maria de Jesus também foi incluído na lista de leituras obrigatórias nos vestibulares da Universidade Estadual do Centro Oeste do Paraná (Unicentro) 2017, da UFRGS 2018 e da UNICAMP 2019, o que demonstra uma tentativa cada vez maior de parte da academia de se aproximar de autores que exercitaram sua escrita longe dos parâmetros sociais e econômicos considerados ideais, enfrentaram o preconceito e o racismo e, dessa forma, têm muito a dizer sobre e para o imaginário da grande maioria da população brasileira e sobre suas formas de vida e criação.

